



PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NO CONTEXTO DO PROGRAMA ALFABETIZA PARÁ

Albenize de Fátima Pinheiro Maciel¹

RESUMO

Este estudo apresenta uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, desenvolvida em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Ourém-PA. O objetivo foi refletir sobre as contribuições do Programa Alfabetiza Pará no processo de alfabetização de crianças público-alvo da Educação Especial, à luz do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). A metodologia consistiu na aplicação de uma sequência didática com atividades adaptadas, valorizando múltiplas formas de engajamento, representação e expressão. Os resultados evidenciam que o uso do DUA favoreceu a participação, o engajamento e a aprendizagem dos estudantes, fortalecendo práticas inclusivas e reafirmando a importância de políticas públicas comprometidas com a equidade educacional

Palavras-chave: Inclusão; DUA; Alfabetiza Pará;

INTRODUÇÃO

A inclusão é um princípio norteador e fundamental da educação brasileira que busca garantir a todas as pessoas independentemente de suas diferenças, sejam, físicas, intelectuais, sociais ou culturais para que tenham acesso pleno à educação dando-lhes condições para a participação em sociedade (LDB, 1996). Neste contexto, a inclusão oferece a oportunidade equitativa de aprendizagem, respeitando o ritmo e as necessidades de cada aluno, além de valorizar a diversidade como um componente enriquecedor do processo educativo, pois promover a inclusão é reconhecer o direito de todos de aprender em um ambiente respeitoso, plural e coletivo (MANTOAN, 2003).

Partindo desse pressuposto, a União, os estados e os municípios têm desenvolvido ações para fortalecer as aprendizagens. Nesse contexto, a SEDUC-PA,

¹ Professora da Educação Básica, mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva-PROFEI/ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, e-mail: albenizemaciel4@gmail.com.



por meio da Lei nº 9.867/2023, criou o Programa Alfabetiza Pará, que busca garantir a alfabetização de todas as crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as contribuições do Programa Alfabetiza Pará no processo de alfabetização de crianças com deficiência e/ou transtornos do desenvolvimento. A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Maria dos Anjos, no município de Ourém-PA, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta por 20 alunos, dentre os quais um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um estudante com Síndrome de Down, com faixa etária entre 6 e 7 anos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que analisa a contribuição do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) para a participação, o engajamento e as aprendizagens das crianças público-alvo da Educação Especial, evidenciando a importância de práticas pedagógicas e políticas públicas voltadas à educação inclusiva no processo de alfabetização.

METODOLOGIA

Em questões metodológicas, foi aplicada uma sequência didática estruturada a partir da coleção *Navegando na Leitura e na Escrita*, volume 2, unidade 3, com atividades adaptadas para atender e respeitar as peculiaridades dos alunos público-alvo da Educação Especial, tomando como base teórico- metodológica o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Dessa forma, a sequência didática foi aplicada em dois (02) dias, considerando estratégias diversificadas para favorecer a participação e o desenvolvimento de todos os estudantes.

Sendo assim, no primeiro dia foi trabalhado o capítulo 1, sendo apresentado o gênero cantigas de rodas por meio do recurso áudio visual, estimulando a participação, interação e a oralidade dos discentes, neste momento, foi realizada dança circular e gestos para familiarização da letra da cantiga de roda: *Peneirei a farinha*. Então,



partindo dessa primeira aproximação, foi realizada uma roda de conversa para dialogar a respeito das características do gênero cantiga de rodas e os conhecimentos prévios dos alunos sobre a função social do gênero e os aspectos culturais, neste momento, os alunos relataram ter conhecimento de algumas cantigas e em qual contexto eram utilizadas. Ainda nesta ocasião, os alunos foram convidados a refletir sobre as palavras *PENEIREI* e *FARINHA*, que no contexto amazônico, esses termos nos remetem a uma prática tradicional que é a produção da farinha de mandioca, um alimento presente na culinária paraense.

Após esse momento, foram realizadas atividades de registro no livro da coleção *Navegando na Leitura e na Escrita*, e como forma de sistematizar o conhecimento, para os alunos autista e com Síndrome de Down, foi ampliada a atividade da página quarenta e sete (47) em que solicito aos alunos fazerem lista de cantigas, então foi disponibilizado para o aluno Síndrome de Down, um banco de figuras para relacionar e colar as cantigas mais conhecidas no mundo infantil, visto que o discente não domina a escrita e a adaptação faz-se necessária, os demais alunos registraram usando a escrita, inclusive o aluno autista.

No segundo dia, foram realizadas atividades do capítulo 2, foram trabalhadas as cantigas de roda: *Marinheiro encosta o barco e Pombinha branca*, como recurso visual foi utilizado o cartaz que são disponibilizados juntos com o material do professor. Sendo assim, no primeiro momento foi feito um convite para turma ouvir a cantiga de roda cantada pela professora e aprender os gestos, após foi realizada a dança circular com todos os alunos de forma a explorar a oralidade, interação e movimento corporal. Posteriormente, em uma roda de conversa foi explorado os textos com as letras das cantigas, levando os alunos a refletirem sobre o título, estrutura do texto, rimas e semântica das palavras. E ainda, os alunos foram estimulados a refletir sobre a palavra *EMBARCA* e o uso social desse termo, que comumente é empregado em contextos como



pontos de ônibus, aeroportos, metrô, portos, entre outros.

Como atividade de registro, foi ampliada as atividades do livro *Navegando na leitura e na escrita*, páginas cinquenta e um (51) e cinquenta e dois (52) em que foram expostas palavras segmentadas em sílabas para que os alunos estruturassem e preenchessem as lacunas. Esta forma de aplicar atividade proporcionou reflexão da estrutura da palavra por parte dos alunos, interação e espírito de solidariedade, pois todos níveis de aprendizagens foram contemplados.

DISCUSSÕES

Evidencia-se a necessidade de adaptar as atividades pedagógicas às diferentes formas de aprender, de modo a garantir a participação e o engajamento de todos os estudantes. Nesse sentido, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) constitui um referencial que orienta práticas inclusivas desde o planejamento. Assim, a adaptação pedagógica fortalece a aprendizagem e a equidade no processo educacional. Para tal, Costa (2022) defende a customização de recursos e estratégias em sala de aula para efetivar a aprendizagem de todos e busca identificar e remover barreira promovendo a acessibilidade em todas as instâncias, favorecendo o protagonismo do aluno.

No primeiro dia, após essa reflexão, foram apresentadas diversas formas concretas do objeto *PENEIRA* e do alimento *FARINHA*, contextualizando que existem vários tipos de objetos, porém as palavras são escritas da mesma forma, mantendo o mesmo sentido linguístico. Sendo assim, Soares afirma que “Aprender a ler e a escrever não é apenas aprender a decodificar letras e palavras, mas compreender o uso da linguagem em práticas sociais significativas.” (2004, p. 91). Desse modo, essa abordagem metodológica também visa promover a inclusão, uma vez que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar dificuldades em compreender as relações linguísticas do cotidiano, pois tendem a ser mais rígidas quanto ao significado e à interpretação das palavras, como discute Schwartzman em “A linguagem



é um dos principais desafios para o sujeito com autismo, pois sua compreensão e uso dependem da capacidade de atribuir significados variados às palavras e situações” (1995, p. 42)

No segundo dia, buscou-se, ampliar essa compreensão dos estudantes, demonstrando que a linguagem pode assumir diferentes significados conforme o contexto em que é utilizada. Observou-se que, embora a palavra derive de *BARCO*, em razão dos processos históricos de locomoção da humanidade, não foram criados outros termos específicos para designar o ato de entrar em diferentes meios de transporte, mantendo-se o mesmo vocábulo por convenção linguística.

Nesta abordagem, foi mostrado figuras de placas de diferentes contextos de uso da palavra para que os alunos pudessem sistematizar essa análise do uso das palavras. Sendo assim, para Soares “A língua é um produto social, e as palavras, ao longo do tempo, vão incorporando novos sentidos de acordo com as práticas e necessidades humanas.” (2004, p. 25). Dessa forma, entende-se que promover a inclusão é justamente oportunizar o conhecimento de forma prazerosa, haja visto que essas práticas fundamentaram-se nos pilares do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) que são: engajamento, representação, ação e expressão (COSTA et al, 2022, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, os resultados das práticas desenvolvidas possibilitaram refletir sobre os benefícios de um ambiente escolar inclusivo, contribuindo para a transformação da escola pública brasileira em um espaço legítimo de concepções e ações afirmativas voltadas à valorização da pluralidade, envolvendo pessoas com e sem deficiência, e preparando-as para viver em uma sociedade pautada em valores de equidade e respeito. Observa-se, contudo, que programas educacionais, em geral, são implementados de forma padronizada, desconsiderando as especificidades de cada sala de aula e das diferentes realidades regionais. Nesse sentido, a experiência evidenciou



que o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) configura-se como uma estratégia potencial para a aplicação desses programas de maneira contextualizada, respeitando as singularidades dos estudantes e do território escolar, fortalecendo, assim, a efetivação do direito à aprendizagem. As práticas propostas favoreceram o enraizamento do apreço à diversidade, do respeito à individualidade e da vivência da coletividade e da igualdade nos processos de aprendizagem, fundamentando-se em ações afirmativas que rompem com práticas pedagógicas tradicionais..

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 out. 2025.
- COSTA, Lauriane Marília de Lima, KITTEL, Ronsâgela, FERREIRA, Simone de Mamanna, SILVA Solange Cristina. Caderno de Estudos: Histórico, princípios e diretrizes do DUA. Estratégias pedagógicas com foco nos princípios do DUA. Primeira Tertúlia. 1 Edição. RS, 2022.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér, Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- SCHWARTZMAN, José Salomão; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco Baptista. Autismo infantil: novas tendências e perspectivas. São Paulo: Memnon, 1995.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.